

Entrevista com Stania Moraes, CFO da Ciena



Após participar do webinar “Mulheres nas Finanças: estratégia e Oportunidades para Planejamento Financeiro e Conselho de Administração no Brasil”, executiva nos concedeu uma entrevista sobre a importância das pautas ESG para conselhos de administração

M&A
COMMUNITY

A M&A Community promoveu recentemente o evento “Mulheres nas Finanças: estratégia e Oportunidades para Planejamento Financeiro e Conselho de Administração no Brasil” e aproveitamos a oportunidade para fazer uma entrevista com Stania Moraes, CFO da Ciena e membro do Conselho de Administração de Furnas, além de também fundadora do W-CFO, sobre “a importância de ESG para os conselhos de administração”.

Confira a seguir.

1. Na sua opinião, qual tem sido os reais esforços das empresas para se adequarem as exigências do ESG?

O foco principal está hoje no meio ambiente, devido ao fato das ações serem mais palpáveis e mensuráveis, bem como da constatação de que é preciso atuar para lidar com as mudanças climáticas. A governança, por sua vez, é o aspecto mais maduro na área empresarial, porque começamos a tratar deste tema no início dos anos 2000, logo depois de estourar o escândalo da Enron. Agora, o social ainda precisa receber mais atenção e ser mais trabalhado efetivamente, pois se bem trabalhado impacta, não só o ambiente corporativo, mas toda a sociedade positivamente.

2. O que falta para o social ser melhor trabalhado?

Falta muito, eu acredito que este é ainda o aspecto do ESG que não teve a devida atenção. Não vejo sendo muito discutido e trabalhado dentro das empresas como deveria. É preciso investir mais, por exemplo, em inclusão de mulheres, da população LGBTQIA+ para termos mais diversidades nas empresas, o que traz resultados efetivos para os negócios e inclusive financeiros. Temos de trazer estas pessoas para não somente dentro das empresas e lideranças empresariais, com o intuito de transformar, não só as empresas, mas a sociedade melhor. Hoje, por exemplo, as mulheres representam só 3% entre os CEO nacionais, são 14% nos conselhos de administração e na área financeira são de 10% a 15% do total de gestores, é muito pouco, considerando-se que somos mais de 50% da população nacional. Tivemos alguns avanços, com as mulheres sendo hoje 39,4% nas empresas, segundo a Forbes, ante 34% que éramos em 2020. Quais são as razões para isto? Uma pesquisa recente do LinkedIn aponta que as mulheres fazem menos network, não tem as conexões certas, ou porque não tem disponibilidade de tempo e energia ou porque faltam alguns softskills.

Felizmente, existem iniciativas interessantes hoje como, por exemplo, o fato de a KPMG ter a primeira sócia trans no Brasil, o fato de existir um website de empregos somente para transgêneros – o TransEmpregos. Outra ação interessante é o Pacto de Promoção da equidade racial, assinado por executivos de grandes

empresas nacionais – incluindo as big 4. Mas é preciso agir muito mais, efetivamente transformar a realidade atual, na qual dos 10% mais pobres, 70% são negros, e entre os 10% mais ricos, 70% são negros.

3. Quais são os setores mais comprometidos com as boas práticas ESG e por quê?

Os setores mais engajados com as práticas de ESG no Brasil, na minha visão, são os de cosméticos e de papel e celulose, bem como outros setores que trabalham diretamente com produtos da natureza, que se veem na obrigação de preservar, de cuidar. Mas a outros setores que ainda têm na questão ambiental, por exemplo, um grande desafio, como o têxtil, que precisa cuidar de todas as etapas do seu processo produtivo até o descarte das roupas que não se usa mais no final. Ou seja, como descartar a água do processo de tintura, onde descartar e o que fazer com as roupas em sua fase final.

4. Quais são os principais resultados ou casos de sucesso que temos no mercado nacional na implementação das melhores práticas de governança, ambientais e sociais?

Nós temos três grandes casos de sucesso que se destacam como Ambev, Natura e Suzano, que já tem políticas de sustentabilidade bem estruturadas e sua cultura bem disseminada.

5. O ESG já é uma preocupação das pequenas e médias empresas que são a grande maioria das companhias do País?

Eu acredito que as empresas de todos os portes deveriam estar comprometidas com ESG. As pequenas e médias se não estão, deveriam estar, porque é primordial para a sobrevivência no mercado hoje ter uma política sustentável para conseguir ter acesso à crédito, para conseguir novos investidores. Sem boas práticas, é muito difícil avançar nos negócios.

6. Na sua opinião, quais são os passos a serem seguidos por uma companhia que está realmente comprometida em implementar o ESG?

O primeiro passo é ter um comitê ou, no caso das pequenas empresas, alguém que olhe para estas questões e se engaje em ações para atender aos requisitos de governança, meio ambiente e sustentabilidade. O segundo é disseminar a cultura ESG em todas as áreas da empresa, incorporando a todas as atividades do dia a dia. O terceiro é promover ações de marketing, comunicação e eventos para ajudar a disseminar conhecimento e engajar todos os colaboradores. A Ciena, por exemplo, realizou há algum tempo uma campanha na qual as pessoas recebiam um certificado para plantarem uma semente em uma floresta do mundo, e foi muito marcante para todos nós da companhia. O quarto, que eu penso muitos considerarão polêmico, é aliar os resultados financeiros das empresas e os bônus dos executivos com o cumprimento das metas de ESG, assim literalmente haverá um engajamento geral à causa.

7. Quais são as principais métricas utilizadas pelas empresas para avaliar os resultados de suas práticas ESG?

Penso que o principal é seguir são os padrões globais de Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), a Organização das Nações Unidas (ONU) que são um apelo à ação para acabar com a pobreza, proteger o planeta e assegurar que todas as pessoas tenham paz e prosperidade. Entre os ODS, eu destaco os sete primeiros que são erradicação da pobreza; fome zero e agricultura sustentável; saúde e bem-estar; educação de qualidade - assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos; igualdade de gênero; água limpa e saneamento; energia limpa e acessível para todos. Tendo isso em mente, boas métricas são Índice de Carbono Eficiente (IC02) e o Índice de Sustentabilidade Empresarial, que hoje é exigido pela B3 para que as empresas ingressem na bolsa. Ou seja, é preciso medir os avanços de descarbonização, de reuso de água, de regeneração de biomas, bem como os resultados dos investimentos sociais privados, a diminuição das denúncias de corrupção e de quebra de compliance, etc.

8. Como o ESG pode beneficiar o mercado corporativo brasileiro como um todo?

Com as nossas empresas adotando práticas de governança, ambientais e sociais mais responsável, nós passamos a ser visto com maior seriedade pelos mercados internacionais, ganhamos credibilidade dentro e fora do País.

9. Pensando em avaliação internacional, quais são as vulnerabilidades mais graves das empresas nacionais quando se fala em ESG?

Nossa vulnerabilidade está em provar que estamos realmente comprometidos com o ESG e atrelar as métricas corporativas ao seu cumprimento e fazer acontecer de verdade. O mercado deveria exigir as boas práticas ESG, mesmo que isto implicasse em produtos um pouco mais caros, porque reduz os prejuízos no consumo da cadeia como um todo.

10. Qual é a grande missão dos conselhos de administração quando se fala em ESG?

Nos conselhos de administração, ESG é um tema corrente e muito importante, tanto que existem equipes inteiras dedicadas a tratar deste tema. Consideramos o ESG um compromisso, que exige investimentos e métricas. Atualmente, os conselhos avaliam detalhadamente os relatórios de sustentabilidade, pois o ESG tem dimensões mundiais e as empresas estão sendo obrigadas a apresentarem seus índices e relatórios e sustentabilidade no País, não adianta mais só ter um relatório global, é preciso localizar. Hoje já é mandatário que o financeiro das empresas conheça as métricas de ESG aplicadas nos relatórios, que são auditados pelas grandes consultorias globais. Este tema é tão importante que hoje, além de participar do conselho de Furnas, integro também a organização "Accounting for Sustainability" (A4S), lançada pelo Príncipe Charles, que visa cobrar a validação financeira dos relatórios de sustentabilidade.